

## Ivan Antônio de Almeida

### Cristianismo: Um legado de dois mil anos

Texto publicado originalmente como artigo que apresentou a coleção Grandes Religiões da Revista *História Viva*, em 2007. A coleção nasceu de um dossiê sobre o Cristianismo, construído em parceria entre o prof. Ivan e Diego Omar, ambos na época envolvidos com a consolidação de um Grupo de Pesquisa no CNPq, no qual uma das linhas buscava investigar as origens de uma identidade cristã.

Reunidos no dia de Pentecostes, os discípulos de Jesus ainda tinham dúvidas do que fazer. Que faremos agora? Perguntam os presentes, em aramaico, a língua falada não só na Palestina como em todo Oriente Próximo, no tempo de Jesus. Pedro responde: *Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos pertence, a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar* (At 2,37ss.).

No início, ainda havia dúvidas em relação à difusão da Boa Nova. Tiago, o chamado irmão de Jesus, pensava ser necessária a circuncisão e as práticas judaicas, inclusive orar no templo. Logo os judeus de cultura grega reclamaram que: *suas viúvas eram desprezadas no ministério quotidiano* (At 6,1). Os Apóstolos pediram que sete entre os de cultura grega fossem escolhidos, segundo o critério *da boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria*. Estevão é o líder dos escolhidos. Mais tarde, acusado de blasfêmia pelos judeus, é morto a pedradas. É o primeiro mártir da igreja.

Perseguidos, os demais helenistas, fogem para Samaria, onde também anunciaram o evangelho *em muitas aldeias dos samaritanos* (At 8,25), para a costa mediterrânea e para Antioquia, uma das maiores cidades do Império Romano, com cerca de 500.000 habitantes, onde se fala o grego e o aramaico (ou siríaco).

Saulo, da cidade de Tarso, judeu helenizado, que havia assistido ao apedrejamento de Estevão, é um dos mais ativos perseguidores da comunidade dos nazarenos. Numa dessas missões, a caminho de Damasco, é arrebatado pelo Cristo: *para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel* (At 9,15). Pedro, já recebera uma visão: num grande lençol, na forma de vaso, estavam todos os animais da terra e uma voz lhe disse: *Pedro, imola e come* (At 10,13). Pedro nega: *pois jamais comi coisa alguma profana e impura* (At 10,14), ao que a voz responde: *Não faças tu profano ao que Deus purificou* (At 10,15). É na casa de Cornélio, um centurião romano, que os judeus da seita dos nazarenos *maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios, porque os ouviam falar línguas estranhas, e magnificar a Deus* (At 10, 45). Assim, ficou claro que não era necessário passar pelo judaísmo para se chegar à fé. Mas houve resistência. A comunidade de Jerusalém acreditava que era necessário impor a circuncisão e os costumes judaicos aos novos cristãos.

Em Antioquia, as comunidades que tem origem nos gentios e no judaísmo se dividem. Não fazem as refeições em comum. Pedro vacila. Mesmo admitindo a acolhida incondicional, com receio da comunidade de Jerusalém, deixa de fazer as refeições em

comum, no que é severamente criticado por Paulo: *se tu, sendo juden, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus?* (Gl 2,14).

Paulo de Tarso é quem rompe decisivamente com os limites para a difusão da mensagem cristã, não sem antes deixar claro que respeitava o entendimento do grupo liderado por Tiago, ao fazer concessões: abster-se de comer *coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e das uniões ilegítimas* (At 15,29). Nascia aí uma prática do diálogo em torno da divergência, que nem sempre seria seguida pelos cristãos. O convite à salvação estava aberto a todos. O Deus cristão não fazia distinção entre ricos e pobres, homens ou mulheres, escravos ou senhores.

Os “nazarenos” receberam o nome de “ungidos”, ou seja, cristãos, em Antioquia, centro de difusão do cristianismo para todo o Crescente Fértil, Pérsia, Armênia, Índia, Afeganistão e China. Pedro ordena Evódio, primeiro bispo de Antioquia, martirizado em 68. Seu sucessor, S. Inácio, o Iluminado, certamente conheceu Pedro e Paulo, assim como João, o Evangelista. S. Inácio foi martirizado em Roma em 107, durante a perseguição do imperador Trajano (98-117). No Oriente, Ásia Menor, Síria e Palestina a densidade de cristãos é maior, tanto nas cidades como no campo.

A destruição do Templo de Jerusalém, em 70, separa definitivamente os cristãos do judaísmo e reforça a sua tendência universalista (católica). Missionários cristãos se espalham para além das fronteiras do Império. Numa primeira “História Eclesiástica”, Eusébio da Cesaréia (cerca de 265-339/340) conta-nos que *os santos apóstolos e discípulos de nosso Salvador* se espalharam por toda terra. Para além dos limites do Império Romano foram Tomé, para a Pérsia e segundo outros, para a Índia – seu tumulo é venerado em Madras até hoje; André para evangelizar os citas (povos nômades indo-germânicos); Marcos para o Egito; Mateus para a Etiópia; Bartolomeu para a Índia e João para a Ásia.

Nos Atos dos Apóstolos nos é descrita a primeira comunidade dos cristãos: *E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e fazendas, e repartiam com todos, segundo as necessidades de cada um. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e repartindo o pão de casa em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e tendo graça para com todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar* (At 2,44ss).

Aquele que desejasse pertencer à comunidade cristã seria batizado em nome de Jesus. O batismo consistia numa cerimônia iniciática, onde o candidato, ao emergir nu de um rio ou piscina, livre de todos os erros do passado, começava uma vida nova, a caminho do *estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo* (Ef 4,13). O catecúmeno – aquele que se prepara para receber o batismo – era instruído no ensinamento dos Apóstolos, que poderia durar anos e sua inserção na comunidade era paulatina. Nos primeiros séculos, o cristão só tinha uma oportunidade de cometer falta grave, da qual ele poderia se arrepender e, através da penitência, voltar à comunidade.

No mais antigo manual cristão conhecido, a *Didaqué* (instrução), escrito entre os anos 90 e 100 e que ficou em desuso e quase perdido durante mais de oito séculos, fala-se sobre a necessidade do jejum na quarta e na sexta feiras, assim como rezar o Pai Nosso três vezes ao dia. A recitação melodiosa dos textos garantia a sua memorização e relativizava a raridade dos manuscritos. Para os monges, o dia é dividido em sete momentos para as orações que começam antes do cantar do galo e vão até a noite.

A eucaristia é o momento mais importante do ofício divino, quando o Cristo está

novamente presente. Seu corpo é o pão e seu sangue é o vinho. Na última ceia, Cristo convida-nos, não a segui-lo, mas a ser como ele, pleno, ungido pelo Senhor. Participar da eucaristia significa reafirmar a intenção de ser o Cristo.

A formação de comunidades cristãs, não representava uma revolução política, para a qual os judeus ainda esperavam o messias, mas revolucionava a sociedade, a partir de uma profunda mudança pessoal: *não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito* (At 12,2). Além da fraternidade que reinava entre os cristãos, as viúvas, os órfãos, os doentes, os estrangeiros, as vítimas de catástrofes naturais, como terremotos ou guerras, eram acolhidos pela comunidade.

O comportamento dos cristãos, durante as violentas perseguições a que são submetidos periodicamente, na tortura das prisões ou na morte cruel nas arenas, causa espanto e admiração. A cada perseguição, embora desfalcadas de seus principais líderes, as comunidades saem fortalecidas. A sua resistência pacífica, o não enfrentamento do mal com o mal é uma novidade que surpreende.

Os cristãos são fiéis ao Sermão da Montanha: os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os limpos de coração, os pacificadores, os que são perseguidos por tudo isso, são os bem-aventurados. Estes serão o “sal da terra”, a “luz do mundo”. Ao mal não devemos resistir com o mal. *Bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem* (Mt 5,44ss.); em síntese, *tudo que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós* (Mt 7,12).

Em 313, o Imperador Constantino (306-337), através do Édito de Milão, garante a liberdade de culto aos cristãos. Cessa definitivamente a chamada “grande perseguição” iniciada em 303, no Governo de Diocleciano (284-305). Pouco a pouco religião cristã passará a ser a religião oficial do Império Romano. Em 392, Teodósio (378-395) proíbe todos os outros cultos. Os imperadores romanos passam a ser os tutores do cristianismo. Para dirimir os debates teológicos que passam a ser uma questão de Estado, os cinco primeiros concílios universais (ecumênicos) serão convocados pelos imperadores. Suas decisões vão provocar profundas divisões entre os cristãos. Em grande parte, a extraordinária expansão do Islã, a partir do século VII, deve-se a essas divisões.

Mas, mesmo sendo a ideologia oficial do estado romano, desde os fins do século IV, a memória dos tempos heróicos ainda está presente. Disposições estabelecidas antes mesmo da Grande Perseguição continuariam em vigor em todo o Oriente durante séculos, tais como a maneira como um bispo deve se comportar diante de autoridades mundanas: se um “homem de honra mundana” entrar numa igreja cheia de fiéis, o bispo não deve levantar-se para recebê-lo, a fim de não ser confundido com um “respeitador de pessoas”. Mas o diácono deve dizer a um dos homens mais jovens para abrir espaço, pois “devem ser ensinados a dar o seu lugar aos homens mais honrados do que eles”. Mas se entrar um pobre ou estrangeiro sem recursos: “tu, bispo, procurarás de todo o coração arranjar-lhes um lugar, mesmo que tu próprio tenhas de te sentar no chão”.

Com a desintegração do Império Romano do Ocidente, são as comunidades cristãs que dão unidade a uma vasta região dividida politicamente. O poder do bispo de Roma é fortalecido. Ao contrário do Oriente, o bispo de Roma tornar-se-á o chefe de um Estado Pontifício que chegará a disputar, durante a Idade Média, o poder com os estados laicos.

Os textos do Novo Testamento – e não só os quatro evangelhos canônicos, mas também os chamados *apócrifos* – as epístolas e os Atos dos Apóstolos, assim como a memória dos primeiros tempos do cristianismo, serão recordados sempre que a sociedade cristã se encontrar em profunda crise, servindo de inspiração para reformas. Darão origem às heresias da Antiguidade e da Idade Média, às divisões nas igrejas ortodoxas no Oriente e, mais tarde, na Igreja Católica Romana, à reforma protestante com suas

múltiplas igrejas.

Mas, a influência da mensagem cristã é permanente e ultrapassa até mesmo o universo dos cristãos. No Islamismo, Jesus é o penúltimo profeta. O humanismo dos socialistas europeus do século XIX está profundamente marcado pelos valores cristãos. Gandhi nos revela na sua biografia que é através da leitura de Tolstoi que se decidiu pela luta pacífica, vitoriosa em relação à dominação inglesa sobre a Índia. A postura de não reagir ao mal com o mal é o pano de fundo do pacifismo moderno.